

Se olharmos para frente, sentiremos que há muito o que fazer. Queremos o progresso, mas de braços dados com a qualidade de vida de todos os brasileiros e com respeito ao meio ambiente.

É certo que consolidamos a democracia. Hoje nosso povo não apenas sabe que a Constituição é a regra máxima e deve ser respeitada, como impõe no dia-a-dia o respeito à cidadania, e sabe reivindicar, quando necessário, para obter seus direitos.

Os valores republicanos do início deste século deixaram de ser aspiração, tornaram-se prática. Só o poder legitimamente constituído pelo voto é respeitado. As leis feitas por homens e mulheres livres governam as pessoas, não a vontade discricionária de quem quer que seja.

Falta ainda transformar a igualdade jurídica em igualdade social.

Pátria de imigração, de braços abertos aos que aportam, como Cristo que nos guarda do alto do Corcovado, queremos ser berço de uma sociedade na qual cada um há de fazer-se a partir de oportunidades iguais, o que só se conseguirá com políticas públicas de redução da pobreza e com maior extensão e qualidade no ensino.

Terra da solidariedade. É isso que pedimos como bênção nesta entrada do milênio.

Sei, como todos sabem, da violência que ainda campeia. Sei das mazelas e das ameaças. Sei da escassez que a muitos aflige, das carências de tanta coisa, não só de recursos, mas às vezes até mesmo da capacidade coletiva de governar-nos.

Mas sei também que o Brasil entra no novo século desejando manter o vigor de sua cultura. Queremos manter nossa identidade, com espírito aberto e cordial, mas também com a vontade férrea de sustentar o império da lei que assegura a igualdade e com a disposição de aceitar os desafios da razão e das tecnologias, às vezes destruidoras de velhos caminhos e de antigas esperanças.

Queremos preservar essa cordialidade, não para obscurecer o que ainda existe de desigualdade, de injustiça, mas sim para amenizar a frieza do chamado “mundo moderno”.